

A PRÁTICA DOCENTE NA CONSTRUÇÃO DOS SABERES DO PROFISSIONAL FARMACÊUTICO.

Paulo Ângelo Lorandi

Universidade Católica de Santos

e-mail: lorandip@unisantos.br

RESUMO

O presente trabalho traz reflexões sobre a prática docente no ensino superior, voltada para o desenvolvimento de estratégias de conteúdos pertinentes ao curso de Farmácia, que visam a construção de saberes do profissional farmacêutico. Traz resultados da pesquisa realizada com alunos do curso de Farmácia sobre as estratégias criadas para o desenvolvimento de conteúdos considerados básicos para a formação do farmacêutico, a saber: políticas públicas de medicamentos, educação em saúde, a relação do farmacêutico com o desenvolvimento da cidadania, o atendimento diferenciado e o trabalho interdisciplinar. Os resultados mostraram que propor mudanças não significa necessariamente evolução e o interesse na mudança implica autocrítica, reflexão e desejo de mudança.

Palavras-chave: Ensino Superior. Prática Docente. Ensino de Farmácia

TEACHING IN THE BUILDING OF PHARMACISTS' KNOWLEDGE

ABSTRACT

This paper reflects on higher education teaching directed towards the development of content strategies relevant to the Pharmacy course, which are aimed to the building of

pharmacists' knowledge. It provides results from the survey conducted with students in the Pharmacy course regarding the strategies created for the development of content deemed basic for the pharmacist's training, namely: public policies on drugs, health education, the relationship between the pharmacist with the development of citizenship, differentiated care and interdisciplinary work. The survey results demonstrate that the proposal of change does not necessarily mean evolution and that interest in change implies in self-criticism, reflection and a desire for change.

Keywords: Higher Education. Teaching. Pharmacy School

Introdução

O ensino de farmácia, do mesmo modo que as profissões escoradas nas ciências naturais, tem focado o ensino de conteúdos de forma tradicional, sem dar ênfase à intencionalidade do conhecimento. De forma crítica, em contrapartida, pretende-se a formação de um profissional engajado socialmente, pois “na ação do homem está contida, implicitamente, sua concepção de mundo, sua filosofia” (GRAMSCI, 1987). Mas pode-se afirmar que ainda temos indicação de que a formação profissional prioriza o técnico, em detrimento do humano.

Essa opção pela formação universitária para a capacitação tarefaira é determinada pelo capital desde o regime militar (CHAUÍ, 1980; LORANDI, 1997; LORANDI, 2002). O sistema universitário, de algum modo, tem sido subserviente às necessidades da produção, estruturando a política educacional em cima de teorias que propõem a necessidade da vinculação da educação ao mercado de trabalho, sendo que o último tem determinado, de forma magnânima, a estrutura escolar.

A formação de um profissional da saúde, aqui apresentado, o do farmacêutico, está centrada em duas vertentes que deveriam ter a mesma importância: a formação tecnológica, necessária à prática profissional; e a de caráter social, necessária ao atendimento à saúde da coletividade. O profissional farmacêutico, exigido hoje pela sociedade, necessita tanto da visão tecnicista quanto da visão humanista, a fim de que seja capaz de apresentar alternativas e soluções para a sociedade em que atua. Torna-se imperioso, portanto, conciliar esses dois aspectos para se alcançar uma ação equilibrada.

A formação do farmacêutico, sob essa perspectiva, implica o interesse de que os alunos adquiram valores fundamentais na constituição de seu perfil profissional, para encontrar um novo espaço social de participação. É importante que o aluno se veja como membro de uma equipe interdisciplinar de ação na saúde e que sua atuação, ainda que no campo privado, possa ser incorporada ao sistema público de saúde.

Esse conjunto de inquietações motivou uma ação investigativa, na qual se pretendeu apresentar e discutir as estratégias pedagógicas facilitadoras na construção do conhecimento para o desenvolvimento do pensamento crítico do aluno em relação à prática profissional farmacêutica. O objetivo foi propiciar reflexões sobre a formação do profissional, para que ele possa inovar e construir novos conhecimentos referentes à profissão e que também possa atuar, de modo a atender às necessidades da sociedade. Para a análise dessas novas formas de prática docente foi necessário aprofundar o estudo do conceito de saúde e discutir o perfil profissional do farmacêutico em função desse novo conceito.

Entendendo-se saúde como sendo capacidade de enfrentamento da vida cotidiana, buscou-se o desvelamento da complexidade que envolve o fenômeno saúde, para poder estabelecer a relação entre os componentes biológicos, sociais e econômicos de maneira integradora. Quanto ao perfil profissional do farmacêutico, enfatiza-se a ação decisiva no suporte do uso racional dos medicamentos.

Este trabalho traz uma reflexão sobre a prática docente e a formação do profissional farmacêutico e, em função desse estudo, uma pergunta se evidencia: como poderemos formar

novos professores dispostos a formar farmacêuticos diferenciados?

André et alli (1999, p.308), ao analisar o tema da formação do professor, concluíram que a pesquisa permitiu “evidenciar o silêncio quase total em relação à formação do professor para o Ensino Superior” e, mais, que “as diversas fontes analisadas mostram um excesso de discurso sobre o tema da formação docente e uma escassez de dados empíricos para referenciar práticas e políticas educacionais”.

Os pontos importantes e pertinentes a essa proposta de estudo estão amparados por questões: a) de caráter coletivo, posto que discute a saúde pública; b) de caráter profissional, uma vez que procura apresentar novas práticas farmacêuticas; c) de caráter educativo, que buscam uma abordagem consoante às novas propostas pedagógico-curriculares.

Relevância do problema

A formação dos profissionais para a área da saúde coletiva tem sido bastante discutida e estudada. L'Abbate (1999) faz um profundo estudo acerca da formação dos profissionais da saúde em nível de especialização. Em suas conclusões, a autora constata a necessidade e a importância de que a educação dos alunos, obviamente adultos, dê-se na perspectiva de aproveitamento da experiência dos próprios profissionais-alunos. A necessidade contínua de desenvolvimento e o aprimoramento do processo de ensino/aprendizagem, por sua vez, são fundamentais (LORANDI, 1999) para a mudança das práticas.

Campos (1997), por sua vez, aponta a exigência da superação dos conceitos de "biologicista e reducionista" que sustentam as práticas das equipes de saúde, considerando que os conceitos enfatizam o entendimento da doença como disfunção corpórea, relegando os fatores sociais e pessoais. A formação crítica sugere que o farmacêutico tenha uma visão de saúde que considere, como seu foco de atuação, o cidadão como indivíduo presente em um coletivo e, portanto, que o visualize muito além de alguém portador de uma patologia, ou seja, que não busque, simplesmente, apenas entender o medicamento como proposta terapêutica.

Campos (1997) afirma ainda o quão importante é que os usuários dos serviços públicos conquistem a autonomia sobre o processo terapêutico geral. A assunção dessa autonomia passaria a fazer parte do próprio processo de cura e é importante que os profissionais da saúde, mormente o farmacêutico, valorizem esse conceito.

Essas assertivas corroboram a justificativa para a busca de nova atuação do próprio farmacêutico, já que assumir a autonomia como parte do processo de cura implica abordar os usuários de forma integralizadora e total. Cabe, assim, ao farmacêutico orientar o usuário quanto à real possibilidade terapêutica do uso dos medicamentos, esclarecendo o quanto a indústria farmacêutica induz ao consumo desnecessário por meio das propagandas.

Apresentando uma análise da relação entre a profissão farmacêutica e o medicamento, Perini (1997) questiona se o medicamento tem outra aceção que não a econômica. Ao se assumir essa ideia como verdadeira, há de se inquirir se o farmacêutico tem, de fato, um conhecimento específico que o distinga de outros profissionais. Deste modo, a formação do profissional farmacêutico docente deverá incluir as possibilidades de atuação profissional. Torna-se imprescindível, assim, criar ações educativas em que haja a vivência, por parte dos alunos, dessas possibilidades profissionais.

Essa relação pedagógica para autonomia foi resumida de forma densa por Freire (1996, p. 44), ao apor que "quanto mais me assumo como estou sendo e percebo a ou as razões de ser porque estou sendo assim, mais me torno capaz de mudar, de promover-me, no caso, do estado de curiosidade ingênua para o de curiosidade epistemológica". O farmacêutico precisa mudar, ele está sendo exigido nisso e, para tanto, é preciso experienciar para poder criar. É preciso, pois, assumir o risco de intervir na prática sustentada pela teoria. É preciso, também, criar a teoria a partir da prática.

Sob esse aspecto, a perspectiva de mudanças na educação deve ser o elemento convergente das ações do professor universitário. Há de se criar condições reais de mudança, porém é necessário fazer a crítica da própria realidade, sem a qual não há como o docente fazer parte de um processo de mudança. Para tanto, o professor deve ampliar o seu horizonte para além da sala de aula e compreender as

interações existentes entre a disciplina que ministra e o currículo do curso.

Metodologia

De forma dialética, buscou-se a superação da dicotomia entre o farmacêutico tecnicista e o humanista, na convivência dos contrários e contraditórios na mesma unidade, (DEMO, 2000). A perspectiva de análise da proposta pedagógica ancorou-se no processo dialético da teoria crítica da educação. Para Giroux (1997), a pedagogia crítica daria ênfase a formas de aprendizagem e conhecimento direcionadas à provisão de uma compreensão crítica de como a realidade social funciona, podendo proporcionar aos alunos “uma extensão de identidades e possibilidades humanas que emergem em meio, dentro e entre diferentes zonas de cultura” (GIROUX, 1999, p. 199). Em suma, o desafio foi estabelecer ações que garantissem o conteúdo, designado pelo currículo formal necessário à formação profissional técnica, buscando a superação no entendimento crítico e de pertinência social.

Como estratégia metodológica, a importância da análise da sala de aula como objeto de estudo tem sido defendido pela teoria crítica da educação (OLIVEIRA, 1995). A pesquisa da prática do professor e a sua valorização vêm da década de 80 (OLIVEIRA, 1995). Demo (2000), por sua vez, propõe como desafio ao docente o ‘aprender a aprender’, estabelecendo que o centro desta questão é a educação.

A pesquisa foi realizada com alunos do quarto ano do Curso de Farmácia e Bioquímica de uma universidade particular de Santos. O grupo era constituído majoritariamente por mulheres (87%), solteiras (85%), com idade entre 21 e 24 anos (70%) e apenas 3 alunos com mais de 30 anos. Eram moradores de Santos ou da Baixada Santista (93%). Dois terços dos alunos haviam estudado em escolas públicas, durante a sua formação no ensino médio. Um percentual de 67% dos alunos pesquisados mantinha outra atividade, além dos estudos na universidade. Dois alunos sustentavam a família, sendo que 59% dos pesquisados recebiam auxílio financeiro. O comprometimento do tempo com outras atividades refletiu-se no tempo dedicado ao estudo: de acordo

com os dados, eram reservados de 0 a 5 horas por semana ao estudo fora da universidade.

Tendo o conceito de uso racional de medicamentos como pano de fundo, foram discutidos, inicialmente, os conteúdos formais referentes aos temas: a concepção histórico-estrutural da área da saúde, as políticas sociais sob a ótica do farmacêutico, a estrutura sanitária do Brasil e a sua história recente, conceitos de interdisciplinaridade na ação profissional, princípios da farmacoepidemiologia e, a política de medicamentos.

Esses conceitos formais, trabalhados em sala de aula, têm como referencial teórico para o conceito de saúde, e de seus determinantes, a ideia que vem sendo desenvolvida desde a década de 70. Essa conceituação é bastante consistente e coerente, proveniente de diversos autores e teóricos.

Foram criadas estratégias diferenciadas para cinco conjuntos de conteúdos considerados importantes: discussão das políticas públicas de medicamentos; a educação em saúde, centrada no medicamento; a relação do farmacêutico com o desenvolvimento da cidadania; o atendimento diferenciado; e o trabalho interdisciplinar.

A pesquisa-ação foi a estratégia metodológica utilizada na investigação do processo de ensino desenvolvido em sala de aula. Para Thiollent (1985), o interesse direto da pesquisa-ação não é apenas a descrição e o relato, mas caracteriza-se pelo “aspecto projetivo” e criador. A pesquisa-ação caracteriza-se pela necessidade da constante reconfiguração exigida pelo transcórre do próprio processo, principalmente por desenho metodológico participativo e coletivo. Desse modo, do pesquisador é exigido uma participação de mediação para a superação dialética. Há de se levar em consideração as resistências e as contradições (Borba, 2001).

Para o estudo da capacidade de formulação de políticas públicas, foi indicado aos alunos que participassem da Conferência Municipal de Saúde. Para desenvolver a condição do farmacêutico como educador em saúde, os alunos foram organizados em grupos para prepararem aulas e palestras sobre temas relacionados aos medicamentos para grupos de terceira idade e escolas de ensino médio. Também foi proposta atividade de educação em saúde, por meio do uso do telefone

como meio de aproximação com os prováveis usuários de medicamentos.

Foi elaborado coletivamente um panfleto para distribuição à população e que foi resultado de um trabalho investigativo, conduzido pela classe. Os temas dessas ações atenderam aos conteúdos normalmente apresentados em sala, como intoxicação por medicamentos ou o uso e a importância dos medicamentos genéricos.

Para a prática da cidadania do profissional farmacêutico, foi ressaltada a importância da participação dos farmacêuticos em órgãos de comunicação e foi pedido que os alunos escrevessem e publicassem, em jornais locais, artigos referentes ao uso racional de medicamentos.

Quanto ao atendimento diferenciado, os alunos fizeram um trabalho sobre as ações que um farmacêutico deve desenvolver, de forma ideal, em relação a uma prescrição médica real, de alguma pessoa de seu conhecimento. E também, dentro do mesmo tema, alguns alunos participaram de uma Feira da Saúde.

E, finalmente, como última atividade para se avaliar o trabalho interdisciplinar em saúde, foi feita a proposta de uma mesa redonda, envolvendo alunos de farmácia e de medicina.

Resultados e discussão

As ações desenvolvidas com os alunos tiveram a preocupação comum de fazê-los aproximar-se tanto quanto possível da realidade profissional. De forma propositada, os alunos tiveram que se defrontar com o futuro usuário de seus serviços, entendendo ser este um dos aspectos importantes da profissão. O aluno, em sua natural insegurança, precisa ver o professor como um parceiro. Os professores precisam se sentir iguais aos alunos, ainda que as responsabilidades sejam diferentes. A parceria gera confiança, respeito e consideração; em suma, fertiliza a relação aluno-professor. Mas não é uma tarefa fácil e nem sempre basta a boa vontade.

A participação no Conselho Municipal de Saúde e da Conferência Municipal teve o propósito de apresentar-lhes os mecanismos próprios da política de saúde. Foi uma

experiência na qual os alunos perceberam a importância de que o preparo prévio tem sobre o sucesso de uma nova empreitada. Por meio de relatos, os alunos valorizaram a intenção, o planejamento e a execução de um plano de ensino, e alguns depoimentos atestaram a evolução entre o que é dito em sala de aula e o que é experienciado pelo aluno.

Por outro lado, ficou atestado que um mesmo tema pode ter práticas diferenciadas com ênfases diferentes. As propostas garantiram um estudo mais aprofundado sobre medicamentos genéricos e propiciou maior participação em sua defesa.

A importância da integração de conteúdos próprios de outras disciplinas para definir um padrão no atendimento ao usuário é algo a ser ressaltado. Essa integração facilita, para o aluno, o entendimento pleno de seu exercício profissional.

Quanto à mesa redonda com estudantes do curso de medicina, esta não ocorreu. Ao se analisar o porquê do não acontecimento da mesa redonda, dois argumentos apareceram de forma majoritária por parte dos alunos: a apatia da classe, resultando pouco interesse sobre assuntos acadêmicos em geral, e outra, que talvez seja a mais grave, foi a insegurança em se defrontar com os estudantes de medicina. Parte dessa insegurança, segundo os alunos, é devido a uma sensação de despreparo, porém, de modo importante, alguns alunos (e pode-se ampliar para os farmacêuticos já formados) ainda se sentem diminuídos e temerosos em relação ao médico. Segundo seus relatos, o desânimo é motivado pelo que conhecem da realidade profissional: a ausência do farmacêutico na farmácia, o desprestígio do profissional frente aos proprietários leigos, a força do mercado farmacêutico que obriga a venda indiscriminada de medicamentos, a omissão das autoridades governamentais na fiscalização e a estrutura de formação acadêmica profissional que não dá ênfase à prática.

A baixa auto-estima dos alunos (LORANDI, 1997) indica que muitos estudantes de farmácia teriam o curso de medicina como real opção, mas que, por motivos vários, não conseguiram cursá-lo. O que há de se ressaltar é de que a classe não foi “escutada” de forma adequada como Freire (2007, p. 113) já antevia: “é escutando que aprendemos a falar com eles. Somente quem escuta paciente e criticamente o outro, fala com ele, mesmo que, em certas condições, precise

de falar a ele”. Os docentes precisam se aproximar dos alunos para poder ser capaz de suprir a carência do alunado.

O conflito ressaltou-se da prática e refere-se a valores e às relações de poder, o que pode levar a concluir que a estratégia pedagógica adotada deveria ter privilegiado motivar e fortalecer os alunos para o enfrentamento de suas próprias dificuldades.

Considerações

Este trabalho pretendeu trazer reflexões sobre estratégias pedagógicas no Curso de Farmácia, com vistas à mudança na perspectiva na prática docente em relação à abordagem sobre assuntos pertinentes à saúde. Partiu-se do pressuposto de que a prática profissional crítica, engajada e preocupada com o social precisa entender a saúde como sendo mais do que simplesmente disfunção orgânica.

Há de se defender a capacidade do farmacêutico em promover mudanças no campo da saúde e podemos direcionar a ação para onde o docente milita de forma mais significativa: o ensino de farmácia. Os resultados desta investigação não pretendem ser um apanhado de técnicas e práticas pedagógicas que devam e possam ser copiadas e aplicadas para se atingir um objetivo predeterminado. Pelo contrário, há de se buscar os elementos fundantes e, assim, buscar o seu próprio caminho.

O que predomina nas conversas de professores, quando se fala em ensino-aprendizagem, são opiniões, muito calcadas no senso comum, que buscam justificar os conteúdos da disciplina de forma individualista e pouco científica, tais como: minha matéria é auto suficiente, eu recupero os conceitos básicos que são necessários e atinjo o meu objetivo no final do ano.

Para iniciarmos o percurso, o primeiro passo é o questionamento da própria prática. O professor farmacêutico, como resultado da formação tecnicista, centraliza a atuação docente na transmissão de conteúdos e explica um eventual fracasso no ensino como sendo devido a uma formação prévia deficiente do aluno ou a falta de empenho nos estudos.

No entanto, é fundamental rever os conteúdos ministrados, e buscar a relação desses conteúdos com outras disciplinas, com o projeto pedagógico do curso, com o perfil profissional desejado, enfim, com a atividade profissional em si, para redimensionar o ensino nos moldes da realidade.

O processo educativo, situado em seu tempo e espaço, irá possibilitar ao homem concreto o conhecimento das reais forças que estão em jogo no seu cotidiano. O desvelamento das soluções mais adequadas surge quando o seu entendimento das coisas é estendido. A função dos docentes é formar profissionais capazes de exercer uma atividade profissional com brilho e distinção, principalmente, de solucionar os problemas da sociedade.

A prática modificada em uma disciplina, para poder atingir a plenitude de sua capacidade de intervenção no processo de aprendizagem, depende de um trabalho de desenvolvimento curricular no curso que mantenha princípios comuns entre as disciplinas. E com isso é possível manter práticas participativas, com ênfase na formação do indivíduo e, ao mesmo tempo, garantir o desenvolvimento de conteúdos específicos e necessários para a prática profissional.

Este trabalho ressaltou algumas características que foram julgadas importantes para a formação do farmacêutico. A partir das análises, no surgimento dos resultados, algumas conclusões podem ser evidenciadas, com vistas a desenvolver práticas educativas que visem a formação de um profissional farmacêutico que veja a saúde de forma ampla, relacionando o biológico, o social e o pessoal.

A garantia da participação dos alunos como atuantes e construtores de seu próprio conhecimento dará maior significação e valorização aos conteúdos. Essa maior participação dos alunos exige mais responsabilidades do professor, além de uma maior capacidade de percepção quanto aos novos desafios que se apresentam. O professor deverá ser mais criativo, uma vez que as práticas ortodoxas já não serão mais suficientes, tendo em vista uma formação de qualidade.

Um ponto importante para buscar novas formas de atuação é estar preparado para o fracasso. Nem todas as propostas dão certo e nem a resposta das diferentes turmas são iguais. Para manter-se em maior contato com os alunos, o docente precisa

abrir canais de comunicação mais efetivos e rever constantemente o diálogo com os alunos.

Os conceitos em educação modificam-se ao longo do tempo, porém a componente emoção estará sempre presente. Emoção que estimula, quando se entra cotidianamente na sala de aula. Há emoção prazerosa na relação do professor com o aluno, apesar da possibilidade de alguns momentos de tensão, comuns em qualquer tipo de relacionamento. O processo de mudança, no entanto, exige a criação de espaços na sala de aula para o diálogo com os alunos, com vias eficientes, ágeis e adequadas para se entender suas carências.

Referências

ANDRE, Marli, SIMOES, Regina H.S., CARVALHO, Janete M. *et al.* Estado da arte da formação de professores no Brasil. *Educação & Sociedade*. Campinas, dez. 1999, vol.20, N° 68, p.301-309.

BORBA, Amândia M. A metodologia pertinente ao estudo da identidade de professores do ensino fundamental na prática da avaliação escolar. *Contrapontos*, Itajaí, ano 1 n.1, 2001.

CAMPOS, G.W.S. Considerações sobre a arte e a ciência da mudança: revolução das coisas e reforma das pessoas. In: CECILIO, Luiz Carlos O. (Org.). *Inventando a mudança na saúde*. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1997. p. 29-88. Saúde em debate.

CHAUÍ, M. Ventos do progresso: a universidade administrada. In: PRADO JUNIOR, B. et al. Descaminhos da educação pós-68. *Debate* 8. São Paulo: Brasiliense, 1980. p.31-56

DEMO, Pedro. *Metodologia do conhecimento científico*. São Paulo: Atlas, 2000.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*. Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2007. Coleção Leituras.

GIROUX, H.A. *Os professores como intelectuais*: Rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

GIROUX, H.A. *Cruzando as fronteiras do discurso educacional: novas políticas em educação*. Porto Alegre: Artmed Editora, 1999.

GRAMSCI, A. *Concepção dialética da história*. 7. ed. São Paulo: Civilização Brasileira, 1987.

L'ABBATE, S. Educação e serviços de saúde: avaliando a capacitação dos profissionais. *Cadernos de Saúde Pública* (Rio de Janeiro), v. 15, p. 15-27, 1999. Suplemento 2.

LORANDI, P. A. et al. Formação Contínua de Professores: Reflexões. *Revista Brasileira de Administração da Educação*, 2001.

LORANDI, P.A. 2002. *Ensino de Farmácia: Estratégias pedagógicas para a reconceituação da saúde*. Tese (Doutorado em Educação). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC/SP, São Paulo Brasil. 2002.

LORANDI, P.A. *Ensino de Farmácia*. Uma análise crítica das propostas curriculares. 1997. Dissertação (Mestrado em Educação). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC/SP, São Paulo Brasil. 1997.

PERINI, E. A questão do farmacêutico: remédio ou discurso? In: BONFIM, J.R.A.; OLIVEIRA, Maria Rita N. S. A sala de Aula como objeto de análise na área da didática. In ____ (Org). *Didática: ruptura, compromisso e pesquisa*. 2. ed. Campinas: Papirus, 1995, p. 15-35.

MERCUCCI, V.L. (Orgs.) *A construção da política de medicamentos*. São Paulo: HUCITEC; SOBRAVIME, 1997. p. 323-34.

THIOLLENT, M. *Metodologia da pesquisa-ação*. São Paulo: Cortez, 1985.